

A GUERRA NUNCA ACABA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE RIVALIDADE VIOLENTA ENTRE GANGUES EM UM AGLOMERADO DE BELO HORIZONTE

Resultado de investigación finalizada

GT 04: Control social, legitimidad y seguridad ciudadana

Rafael L. S. Rocha (UFMG)

RESUMO:

O artigo apresenta uma análise das relações de rivalidade violenta, as chamadas guerras, entre gangues do Aglomerado Santa Lúcia, uma das localidades com maiores índices de homicídios no município de Belo Horizonte. Busca analisar especialmente como os indivíduos se inserem em relações de rivalidade já existentes, fenômeno que foi observado sob a perspectiva teórica do interacionismo simbólico. Para tanto, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa de campo durante seis meses através da metodologia da observação participante com algumas destas gangues, visando compreender a formação das relações sociais que se estabelecem ao redor destes grupos, que muitas vezes possuem uma existência mais longa que seus próprios membros, não raro perpetuando rivalidades e conflitos iniciados por gerações anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Gangues – homicídios – criminalidade

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar as relações de rivalidade e conflito violento entre membros de gangues juvenis pertencentes ao Aglomerado Santa Lúcia, uma das localidades com maiores índices de homicídios no município de Belo Horizonte. A partir desta proposta, o trabalho utiliza como base primária as anotações produzidas nos seis meses de observação participante com estes grupos, além de entrevistas em profundidade realizadas com alguns de seus integrantes. Dentro do amplo conjunto de relações sociais formadas no interior e entre estes grupos, interessa-me especialmente analisar os mecanismos que sustentam essas rivalidades durante anos, em um ciclo de homicídios e agressões que em alguns casos se estende por mais de uma década.

Diversos estudos apontam tanto para o aumento vertiginoso das taxas de homicídios de jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos em Belo Horizonte¹ (Waiselfisz, 2011: 39), como também sua concentração em algumas regiões específicas da cidade. Destaca-se como parte significativa destes homicídios é derivada de rivalidades e confrontos não entre jovens de localidades distintas, mas moradores de ruas e becos vizinhos.

¹ Segundo o Mapa da Violência (Waiselfisz, 2011), a taxa de homicídios entre jovens de 15 a 24 anos de idade passou de 42,9 por 100.000 habitantes no ano de 1998 para 116,3 por 100.000 habitantes em 2008, aumento que levou o município da 17ª para o 7º lugar no ranking das capitais com maiores taxas de homicídio de jovens, atrás apenas de Maceió, Recife, Vitória, Salvador, Curitiba e João Pessoa respectivamente.

Outro dado importante revelado nas análises espaciais é o caráter intra comunitário dos homicídios que estavam ocorrendo na cidade. Quando examinada a distância entre a residência do ofensor, da vítima e do local do homicídio verificou-se que tudo isto ocorria em um raio menor que 400 metros. (...) eles ocorrem entre pessoas conhecidas, que nasceram e cresceram à pouca distância, cuja vítima é uma, mas poderia ter sido a outra conforme as circunstâncias. Neste sentido, é equivocado se referir ao fenômeno da explosão da criminalidade em grandes centros urbanos. Mais correto seria falar de uma implosão, pois ela ocorre no interior de comunidades específicas, onde vítimas e agressores são originários e coabitam o mesmo espaço (Beato Filho, 2005).

Embora no contexto do município de Belo Horizonte uma série de análises já tenham sido elaboradas acerca da concentração espacial dos homicídios (Beato Filho, 2003), do perfil dos envolvidos (Beato Filho, 2003; 2005), da relação significativa destes homicídios (Beato Filho; Marinho & Silva, 2001; Saporì e Silva, 2010) ou não com o tráfico de drogas (Beato Filho e Zilli, 2010; Zilli, 2011), e da relação entre estes homicídios e gangues juvenis (Beato Filho, 2005; Zilli, 2011), um número ainda reduzido de esforços foi feito no sentido de analisar a estrutura destes grupos ou gangues, e principalmente, como surgem e se reproduzem as relações de rivalidades entre eles, apontadas por todos os autores acima como um fator crucial na análise dos homicídios em Belo Horizonte na última década.

Foi a partir desta percepção que o presente artigo (assim como a pesquisa de mestrado do qual deriva) surgiu. Na tentativa de contribuir para a discussão sobre os homicídios entre jovens em Belo Horizonte, o artigo visa descrever as relações de rivalidade violenta entre estes grupos no contexto do Aglomerado Santa Lúcia e buscar analisar como estas relações se perpetuam durante anos.

O Aglomerado Santa Lúcia foi escolhido como local de realização desta pesquisa com base em alguns fatores convergentes. O aglomerado é um dos cinco maiores focos de ocorrência de homicídios no município, cujas vítimas e autores são majoritariamente adolescentes e jovens adultos entre os 15 e 29 anos (Beato Filho; Marinho & Silva, 2001), e dado o interesse na análise de como as dinâmicas de rivalidade se constituem, o alto número de conflitos violentos torna-se um pré-requisito básico para este tipo de investigação. Outra característica importante desta localidade é a desarticulação do tráfico de drogas local. No Aglomerado Santa Lúcia o tráfico de drogas tem uma configuração dispersa, sem grandes lideranças, na qual dezenas de pequenos grupos desarticulados realizam uma espécie de tráfico de varejo em territórios estabelecidos, e de forma geral, não existe uma disputa pela posse de pontos de vendas estratégicos, o que corriqueiramente é apresentado como motivação dos conflitos violentos entre grupos e gangues em outros contextos.

Outro fator determinante para a escolha foi minha familiaridade com o Aglomerado Santa Lúcia, devido à atuação prévia em uma política pública executada pela Secretaria de Estado de Defesa Social cujo público-alvo são jovens moradores de 12 a 24 anos da região. Desta forma, durante os três anos em que atuei no núcleo do Programa de Controle de Homicídios – Fica Vivo! do Aglomerado Santa Lúcia pude acompanhar a dinâmica destas gangues e de seus jovens integrantes à medida que ingressavam ou saíam dos grupos, trocavam ameaças e agressões, e forjavam relações de rivalidade e alianças entre si. Essa familiaridade prévia, tanto com a configuração das gangues deste aglomerado, como com seus integrantes, foi um fator crucial para facilitar minha reentrada ao campo no período entre Janeiro e Julho de 2012, no qual acompanhei alguns destes grupos balizado pela metodologia da observação participante.

2. OS GRUPOS

Para que a descrição e análise das relações de rivalidade entre as gangues do Aglomerado Santa Lúcia seja possível, é necessário antes um olhar sobre as características destes grupos. Embora as investigações sociológicas sobre o fenômeno das gangues tenha quase um século desde os estudos pioneiros da Escola de Chicago, não existe um consenso em toda a vasta literatura sobre quais as características efetivamente são necessárias para que um grupo de pessoas constitua uma gangue.

Não faz parte da pretensão deste artigo dar conta de todo o debate teórico acerca do conceito de gangue, especialmente nos pontos de maior polêmica, como a inclusão ou não da prática de crimes na própria definição do fenômeno, ou ainda, acerca do grau de estruturação destas organizações (Zilli, 2004; Abramovay, 2010; Klein e Maxson, 2006; Moore, 1998). Ainda assim, é necessário expor o que chamo em minha pesquisa de gangue, e quais as características as destacam de outros grupos existentes dentro do aglomerado.

Para tanto, utilizo duas conceituações consideradas clássicas no estudo de gangues, que além de ocuparem um lugar de destaque na produção sobre o tema, são ferramentas adequadas à realidade dos grupos do aglomerado Santa Lúcia – o conceito seminal de Frederic Thrasher (1963); e a ampla definição de Malcolm Klein (2006).

O clássico *The Gang* publicado por Frederic Thrasher em 1927 foi revolucionário por abordar estes grupos como organizações sociais próprias, com dinâmicas e relações características, potencializadas e solidificadas através do conflito. Na teoria de Thrasher, a gangue não é vista apenas como fruto de determinadas comunidades, ou produzida pela dinâmica do crime organizado, ela se relaciona com estes, mas possui uma trajetória específica:

A gangue é um grupo intersticial que se forma, originalmente, de maneira espontânea, e depois integrado por meio de conflito. Caracteriza-se pelos seguintes tipos de comportamento: encontros hostis, perambulações, deslocamentos em grupo, conflitos e planejamento. O resultado desse comportamento coletivo é o desenvolvimento da tradição, estrutura interna irrefletida, *esprit de corps*, moral, solidariedade, consciência de grupo, e o apego a um território local (Thrasher, 1963: 46).

A descrição de Thrasher (1963) acerca das gangues de Chicago as considera como duplamente intersticiais: por um lado as gangues são espaços de transição ocupados por aqueles que se encontram entre a infância e a vida adulta, mas estas também prosperam em áreas intersticiais da cidade, zonas de passagem caracterizadas por sua desorganização, deterioração e alta mobilidade. Essa dupla característica de transitoriedade das gangues é fundamental à teoria do autor, que estabelece uma correlação entre as condições socioambientais precárias nas quais habitavam os jovens das comunidades degradadas e a difusão das modalidades de crimes cometidos por estes grupos. É justamente na fase de transição da adolescência, na qual a ausência de instituições de socialização se apresenta de maneira mais aguda nestas comunidades, que a gangue, de certa forma, se ocupa desse papel, já que é em seu interior que os jovens assimilam regras informais de convivência e têm noções primárias de territorialidade. Além disso, desenvolvem um sentimento de solidariedade e vinculação identitária com o grupo.

Entretanto, se os grupos de jovens emergem desta convivência entre amigos e vizinhos nas ruas, só adquirirão, efetivamente, características de gangue ao se envolverem conflitos com outros grupos, cruciais no desenvolvimento de uma identidade grupal. Segundo Thrasher (1963) estes conflitos podem se dar com outros grupos da própria comunidade, pertencentes a bairros e territórios vizinhos, ou ainda

agentes das forças policiais, e são decisivos na formação de um sentimento de pertencimento ao grupo, assim como na definição de suas tradições e regras de convivência. Através destes embates violentos, o que inicialmente se configurava como uma turma adota normas de comportamento e uma identidade grupal frente a uma ameaça externa, desenvolvendo uma configuração efetivamente de gangue para o autor.

Malcolm Klein (2006) também retoma a definição de Thrasher, mas visando uma maior abrangência propõe um conceito mais amplo. Segundo Klein, uma gangue juvenil é qualquer grupo de adolescentes que (a) são considerados uma agregação distinta por outros ocupantes da mesma vizinhança, (b) se reconhecem como um grupo distinto por seus próprios membros (e quase que invariavelmente adotam um nome para o grupo), e (c) estiveram envolvidos em um número suficiente de incidentes ilegais que respaldem uma resposta tendencialmente negativa e consistente dos outros moradores da vizinhança e/ou das agências do sistema de Justiça Criminal (Klein e Maxson 2006: 6).

Tendo como ponto de partida as observações dos grupos do Aglomerado Santa Lúcia, assim como as conceituações de Thrasher (1963) e Klein (2006), busco uma mescla de ambos os conceitos, com a noção de conflito como elemento central, mas também incorporando as ideias de uma identidade distinta do restante da vizinhança e vínculo com um território. Desta forma, considero neste artigo as gangues do Aglomerado Santa Lúcia como: grupos formados em sua maioria por jovens, que são associados a um determinado território, se reconhecem e são reconhecidos pela vizinhança como um grupo a parte dos outros moradores, e se encontram inseridos em uma dinâmica de ameaças e agressões recíprocas a outros grupos semelhantes.

A partir destas características é possível afirmar que no aglomerado, durante a pesquisa existiam cerca de aproximadamente dez gangues ativas, que com alguma frequência participavam de alguma forma na dinâmica de rivalidades, alianças e ataques contra rivais.

Apesar do número de grupos inseridos nesta teia de rivalidades, chama à atenção a quantidade de características semelhantes que os grupos compartilham entre si. A grande maioria dos grupos possui em média entre oito e doze integrantes, sendo difícil apontar um número exato de membros, já que são compostos por uma espécie de núcleo central, ao qual pertencem aqueles completamente inseridos na gangue e identificados com suas alianças e rivalidades, e diversos integrantes que se situam ao redor destes e também possuem envolvimento com o grupo e suas atividades, mas que não são tão centrais em sua organização e não possuem papel tão central nas relações com outros grupos. Esta média de integrantes por grupo se assemelha com o padrão encontrado em outros aglomerados da região metropolitana de Belo Horizonte, que conforme Zilli (2011) gira em torno de 11 membros por grupo:

Tabela I – Distribuição de Gangues em 16 Favelas da RMBH

Cidade	Localidade	Nº de Gangues Identificadas	Nº de Total de Integrantes Criminalmente Ativos	Nº Médio de Integrantes por Gangue
Belo Horizonte	Aglomerado da Serra	6	70	12
	Favela do Borel	2	26	13
	Conjunto Felicidade	7	62	9
	Pedreira Prado Lopes	6	75	12
	Cabana do Pai Tomás	9	65	7
	Morro das Pedras	8	162	20
	Vila Pinho	2	33	16
	Vila Itaipu	1	7	7
Ibirité	Vila Ideal	1	12	12
Vespasiano	Morro Alto	4	26	6
Betim	Jardim Teresópolis	2	24	12
	PTB	1	13	13
	Citrolândia	3	53	18
	Jardim das Alterosas	1	25	25
Contagem	Parque São João	1	8	25
	Vila Frigodiniz	1	11	11
Total 16 Favelas		55	619	11

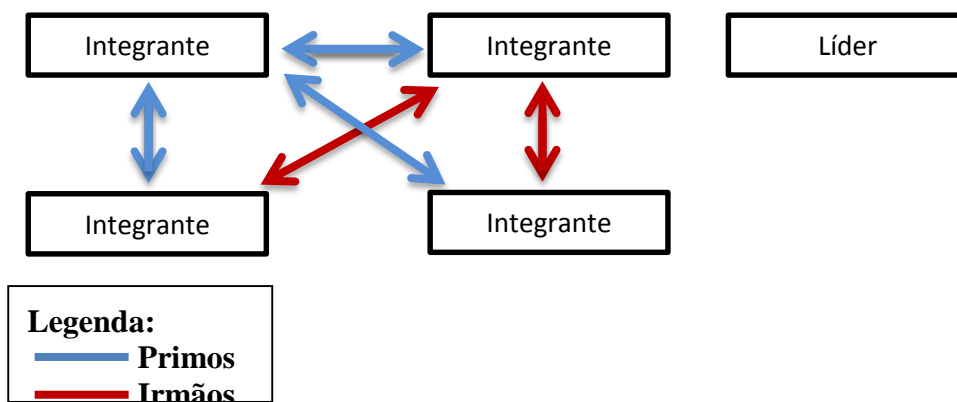
Fonte: Grupo de Monitoramento de Gangues (GMG)/SEDS – 2009

O tamanho e organização dos grupos de Belo Horizonte é um dos principais fatores de diferenciação entre o fenômeno das gangues no município quando comparado com o contexto do Rio de Janeiro, onde basicamente três grandes facções disputaram entre si durante anos, ou ainda o contexto norte-americano e suas confederações de gangues, que operam em uma espécie de sistema de franquia. Esta desarticulação e pulverização dos grupos, uma das características centrais dos conflitos no Aglomerado Santa Lúcia, e que parece ser compartilhado em outras localidades da RMBH, é essencial para a compreensão da dinâmica conflituosa e violenta entre os grupos.

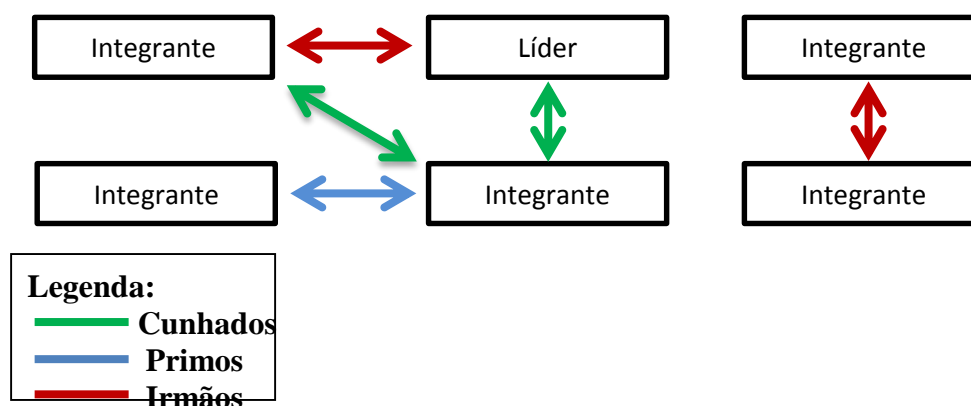
As gangues do Aglomerado Santa Lúcia possuem territórios muito bem delimitados, raramente maiores que uma determinada rua e os becos que ela cruza. Em praticamente todos os casos a nomeação do grupo deriva justamente desta rua principal que define seu território. Assim temos os grupos da Rua Campos, Rua Doze, Rua Santo Agostinho, Rua Santos, que não só são nomeados pelo restante dos moradores do aglomerado desta forma, mas cujos integrantes também adotam o nome da rua quando se referem ao próprio grupo, além de em eventuais pichações e tatuagens. Esta divisão territorial do aglomerado feita pelas gangues não leva em consideração as demarcações e limites territoriais que definidos pelo restante dos moradores, que geralmente se localizam como pertencentes a uma das cinco vilas que compõem o Aglomerado Santa Lúcia. Assim, embora as disputas políticas das diversas associações de moradores, articulações esportivas que giram principalmente em torno do futebol e diversos outros aspectos da vida no aglomerado partam da lógica de cinco vilas distintas, as gangues em certa medida ignoram esta lógica, sendo comuns os casos de longas rivalidades entre grupos de uma mesma vila, ou mesmo, de alianças entre grupos de vilas diferentes.

A associação entre os integrantes dos grupos e seu território é marcante. Os grupos em sua grande maioria têm como membros jovens que moram na rua que dá nome ao grupo ou no entorno, e geralmente se encontram na faixa etária entre 15 e 30 anos, com os membros mais velhos compondo o núcleo do grupo e mantendo uma posição de liderança, ainda que informal, sobre os integrantes mais novos. São comuns também as relações de parentesco entre membros deste núcleo, como ilustram os quadros a seguir:

Quadro I – Relações Entre Membros Centrais do Grupo da Rua Campos



Quadro II – Relações Entre Membros Centrais do Grupo da Rua Doze



Esta composição que conta com irmãos, primos, cunhados e amigos de infância pode ser explicada pela forte associação do grupo e seus integrantes com o território: todos nasceram e cresceram naquele mesmo entorno, e em certa medida, se envolvem também juntos nas relações de rivalidade que muitas vezes já existiam antes mesmo deles nelas se inserirem. A fala de uma liderança, o único com mais de trinta anos naquele grupo, demarca a existência de três gerações dentro da mesma gangue:

Membro do grupo: Eu sou tipo da primeira geração, comecei tipo em noventa e pouco, por aí. Desse pessoal sobrou quase ninguém, só eu mesmo, o resto morreu ou saiu do morro pra não morrer... Tipo tem uns que casou também e decidiu ficar de boa, então pra poder ficar tranquilo com a dona maria teve que sair do morro né? Depois teve a segunda geração, Tiaguim, Ronaldo, Jão, esses que quando você conheceu [em 2007] tinham uns 14, 15 anos, tavam começando a entrar na parada. E agora tem esses menino aí, tudo novo, de 13, 14, que tem disposição e tão colando com a gente.

Entrevistador: Todos moram aqui na rua?

Membro do grupo: Tudo morador né, tem que ser... ²

² Todos os nomes, tanto dos integrantes como das ruas foram alterados visando manter o anonimato dos entrevistados.

O relato dos integrantes, assim como as observações das relações sociais forjadas nestes grupos, permite a interpretação de que a entrada nestes grupos se dá de maneira gradual, em um processo de socialização e convivência naquele território, no qual os valores e noções do grupo são transmitidos aos futuros integrantes de maneira cotidiana e gradual. A entrada para o grupo não é marcada por um momento específico de escolha ponderada, ou ainda, reforçada por um rito ou prova, como é comum em algumas das gangues norte americanas (Jankowski, 1991; Anderson, 1999). Pelo contrário, no contexto das gangues que atuam Aglomerado Santa Lúcia, na maioria das vezes estes jovens se filiam a estes grupos em um processo orgânico e cotidiano de convivência em um mesmo território, no qual cada grupo está inserido e gradualmente absorve novos integrantes.

É neste convívio, antes mesmo da entrada efetiva no grupo, que os valores, justificativas e hábitos são transmitidos para os possíveis membros, assim como determinações favoráveis a certos tipos de práticas, como o tráfico de drogas, ou ações violentas contra grupos rivais. Esta situação encontra ressonância na teoria do Aprendizado Social de Ronald L. Akers, que explica os comportamentos criminosos e desviantes de forma geral, assim como os comportamentos considerados legítimos pela sociedade, como aprendidos através da interação social com os outros, principalmente aqueles que compõem grupos primários de convivência, como a família e amigos próximos. São estes grupos que introduzem aos indivíduos tanto o comportamento criminoso e o não criminoso, assim como suas respectivas técnicas, justificativas e motivos, e no interior deles que determinados comportamentos, desviantes ou não, serão incentivados, transmitidos e imitados. O balanço destas determinações de comportamentos favoráveis e desfavoráveis ao crime, apreendidas a partir das interações pessoais, é que vai determinar se o indivíduo vai adotar uma postura desviante ou conformada em relação àquelas leis e regras da sociedade de forma mais geral.

De acordo com Akers (2011), a relação de forças entre as definições criminosas e não criminosas, será determinada de acordo com quatro elementos principais: (1) a frequência, (2) duração, (3) anterioridade e (4) intensidade com a qual o indivíduo interage com pessoas dispostas a transmitir este conjunto de definições. Assim de acordo com o autor, se o indivíduo tiver contato com definições criminosas por mais tempo, de maneira mais intensa, ou ainda, anteriormente do que com as definições de conformidade com as leis, eventualmente aprenderá as técnicas, justificativas e definições necessárias para cometer crimes. Neste sentido o aprendizado social sobre como cometer crimes funciona da mesma maneira que o aprendizado de qualquer outro tipo de atividade – através da interação, comunicação e consequente compartilhamento de definições específicas.

3. AS GUERRAS

Em 2007, quando tive meu primeiro contato com integrantes de várias gangues do Aglomerado Santa Lúcia, chamou-me a atenção o número de vezes que eles se referiam “a guerra”. A impressão que tive à época era de grupos imersos em uma grande e unificada disputa, com uma motivação semelhante e consistente que se enfrentavam mutuamente como forma de tentar vencer “a guerra”.

O que apareceu durante a pesquisa foi uma percepção oposta, a de que não existe uma guerra – mas sim uma multiplicidade de conflitos que se entrelaçam, a qual cada participante eliminado integra uma rede ou grupo, cujos aliados eventualmente podem, e provavelmente vão, vingá-lo atacando seu alvo, em um ciclo que se renova e torna-se mais complexo a cada homicídio.

O que antes era por mim escutado como um conflito massivo, e ao mesmo tempo bastante simples, já que me parecia que os grupos buscavam a aniquilação dos rivais, ou ainda, o domínio do morro, passou através das falas dos integrantes destes grupos a ser percebido como um fenômeno fragmentado e extremamente complexo, onde cada indivíduo participante tem uma justificativa própria e diversa para se inserir nesta dinâmica pré-existente. Como a fala de um integrante ressalta, “a guerra”

geralmente já existe, mas cada participante se insere nela através de um ponto particular, com sua justificativa específica:

O problema é que esse negócio nunca acaba, as guerras passam de um pro outro, e por isso nunca terminam. Ano passado tava na rua, bem ali perto do orelhão e de repente um cara lá de cima veio do nada atirando em mim, sentando o dedo mesmo. Mas ele tava de longe então corri aqui pra dentro do boteco e o cara veio atrás atirando, sapecou o bar todo! [mostra as marcas de bala que ainda estão na porta de ferro do bar em que estávamos]. Ele ficou sem balas e saiu correndo, eu também tava sem nada e não fui atrás na hora. A gente contou no dia e ele deu 16 tiros e não acertou nenhum [risos do entrevistado e do dono do bar, que estava escutando a entrevista] Até esse dia eu não tinha guerra com esse camarada. A guerra dele era com o Dudu, que morreu uns meses pra trás, você conheceu né? Então, ano passado esse cara veio aqui procurar o Dudu, mas não achou, ai como eu era parceiro do Du ele não quis perder a viagem. Eu nem tinha guerra com o cara, mas depois disso aí o que eu vou fazer? Vou ter que correr atrás né? Se eu encontrar ele já era, não vou dar boi não...

Tá vendo, é isso que causa as guerras, passa de um pra outro, os amigos vão comprando as guerras. Se eu sou seu parceiro, e alguém faz mal pra você [simboliza com a mão como se tivesse me apontando uma arma], eu tenho que fazer mal pra ele também.

O que esta fala explicita é a forma como a rivalidade entre dois indivíduos se alastra, agregando mais participantes e suas potenciais consequências letais. Neste caso específico consegui realizar a entrevista com apenas um dos lados da contenda, mas não é improvável que o agressor, aquele que inicialmente vai a procura de um alvo e acaba elegendo outro, também tenha amigos ou parceiros dispostos a “fazer mal” ao entrevistado caso ele venha a efetivamente concluir sua promessa de “correr atrás”. As guerras, principalmente aquelas entre grupos e que se mantêm por anos, parecem então operar como uma espécie de contexto, um modelo de ação, ao qual os indivíduos recém-chegados aos grupos se inserem quando efetivamente são, ou se sentem por ela ameaçados. Desta forma, a medida que o individuo passa a fazer parte destes grupos, incorpora junto com seus valores, definições e visões de mundo, um histórico de rivalidades com outras gangues, inimigos potenciais os quais acredita que desejam sua morte (o que em muitos casos é real). O diálogo abaixo foi travado entre dois jovens de 15 e 16 anos, associados ao grupo da Rua Santos, mas que ainda não ocupavam um lugar de destaque ou central no grupo, e ilustra como novos integrantes se inserem na dinâmica de uma rivalidade de anos com o grupo rival, no caso a Rua Doze:

Integrante 1: O lance é fazer os outros te respeitarem. Lá na escola tinha um zé que vivia folgando comigo, de onde? Lá da Doze, tinha que ser né?

Integrante 2: Aquele que você enquadrô [ameaçou] outro dia?

Integrante 1: Esse aí...Você tinha que ver, passou perto de mim ontem... Passou até assim [imita alguém andando de cabeça baixa]. Nem olhou na minha cara! Agora aprendeu a respeitar.

Integrante 2: Não falou nada?

Integrante 1: Tinha que ver, caladinho! Mas agora também não vou ficar dando bobeira pra aqueles lados de lá não, melhor garantir...

Esta dinâmica de diversos indivíduos e grupos se ameaçando reciprocamente gera o que Anderson (1999) denomina de uma ecologia do perigo – um contexto onde as interações sociais são mutuamente percebidas como potencialmente letais, exigindo dos indivíduos a tomada de uma postura ameaçadora, que por sua vez retroalimenta o ciclo de rivalidades e confrontos. Na perspectiva do interacionismo simbólico o indivíduo faz uma leitura do contexto social no qual está inserido e das ações dos outros participantes, elaborando uma linha de ação condizente com estes fatores. As ações dos indivíduos se encadeiam temporalmente compondo uma linha de ação, orientada tanto pela interpretação que o indivíduo faz da situação, do posicionamento dos outros participantes, e da forma como escolhe se apresentar nestas interações. Assim, tanto o jovem da Rua Doze que “folgava” com o entrevistado, como a opção deste por “enquadrar” seu rival em potencial são executadas levando em conta não apenas a relação de ambos na escola, mas o contexto mais amplo da guerra entre as duas ruas, que data desde bem antes deles se associarem a seus respectivos grupos.

Os indivíduos nestas dinâmicas de relações violentas interpretam o contexto nos quais estão inseridos, assim como as motivações e ações a seu redor, e com base nos significados que derivam destes adotam determinadas linhas de ação, que por sua vez afetam e são interpretadas pelos outros atores participantes daquele contexto de relações, constituindo assim um sistema fechado, que se retroalimenta à medida que as ações de um participante potencializam uma resposta semelhante dos outros, onde frente a uma ameaça potencialmente letal, a melhor forma de se portar pode ser ameaçar antes, ou como diz o jovem – “fazer os outros te respeitarem”.

Assim como as relações entre indivíduos podem ser percebidas como ameaçadoras a luz do conflito entre gangues, ironicamente estes grupos também são percebidos como uma forma de garantir a proteção e a projeção de uma imagem de alguém que não deve ser ameaçado, que pode acionar recursos para se proteger, ou mesmo que caso o pior aconteça, terá alguém para vingá-lo, como aponta um integrante de um dos grupos:

Aqui no morro é isso mesmo, todo mundo tem seus contatos, alguém que tá por você. Se você não tem contato, as costas quentes com alguém, você não é ninguém tá ligado, todo mundo te tira mesmo. Eu mesmo, nem tô mais envolvido igual antes, mas conheço todo mundo aqui da rua, moro aqui, minha família toda é daqui, posso até dar um tiro no pé de alguém aqui que é capaz de me liberarem, é sério! Agora se você for igual uns carinhas que tem por aí, que acabaram de chegar no morro, vieram de outra quebrada, ou igual uns que apareceram aí uma vez de São Paulo, aí não tem perdão né, só de esbarrar no outro que já era, o cara tá sozinho mesmo então foda-se, pode fazer o que quiser com ele, tá liberado.

A promessa de que a guerra será mantida, que seus parceiros irão tentar “correr atrás” é o que em alguma medida protege o integrante destes grupos, ao menos de conflitos menores, como no exemplo do esbarrão dado pelo jovem acima. Mas por outro lado o pertencimento a estes grupos coloca o indivíduo em meio a um emaranhado de relações conflituosas, nas quais ele eventualmente se encontrará envolvido, já que mesmo que não se vincule diretamente, em algum momento seus companheiros de gangue e parceiros contarão com sua disposição de agir para vingar uma agressão ou homicídio de outro integrante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno das rivalidades e homicídios entre gangues juvenis em Belo Horizonte, especificamente no Aglomerado Santa Lúcia, é composto por uma rede complexa de relações sociais, e

que não pode ser explicada por um elemento isolado – como o tráfico de drogas, justificativa dada corriqueiramente pela mídia e pela polícia. O tráfico de drogas é um dos elementos que faz o ciclo das guerras se renovar através de novos conflitos, mas embora o tráfico seja um tema recorrente na fala dos integrantes destes grupos, em nenhum momento surgiu como a justificativa ou motivação de homicídio ou elemento originário de uma guerra.

Mais do que uma explicação totalizante, acredito que o presente estudo tenha trazido indícios de uma dinâmica violenta e complexa, que se sustenta e reitera a partir de cada um dos confrontos e suas consequências. A cada vítima produzida por estas relações de rivalidade, existe a possibilidade de um novo ator entrar na "guerra", disposto a vingar a perda que ele ou seu grupo sofreram. Esta posição marcará não só sua entrada na dinâmica das guerras, mas possivelmente consolidará seu lugar dentro da gangue a que pertence, tanto pela lealdade demonstrada para com seus parceiros, como pela necessidade que terá de cada vez mais se proteger de futuros ataques e revides inimigos. Retomando a conceituação de Thrasher, o compromisso público de estar disposto a matar ou morrer pelo seu grupo, em nome de seus parceiros, gera um vínculo de lealdade mais intenso e perigoso que o existente entre um grupo comum de convivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovay, Miriam et al. Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

Akers, Ronald L. Social learning and social structure: a general theory of crime and deviance. New Jersey: Transaction Publishers, 2011.

Anderson, Elijah. Code of the street. New York: Norton Paperback, 1999.

Beato Filho, Cláudio Chaves; Marinho, Frederico Couto; Silva, Bráulio Figueiredo Alves. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. Cadernos de Saúde Pública, n. 17. Rio de Janeiro, 2001.

Beato Filho, Cláudio Chaves. O problema dos homicídios em Belo Horizonte. Revista Brasileira de Ciências Criminais, vol. 42, pg. 345 a 351. São Paulo, 2003.

Beato Filho, Cláudio Chaves. Estudo de caso: Fica Vivo – Projeto controle de homicídios em Belo Horizonte. Trabalho elaborado para Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, 2005. Trabalho em mimeo.

Beato Filho, Cláudio Chaves; Zilli, Luís Felipe. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. Disponível em <http://www.crisp.ufmg.br>. Belo Horizonte, 2010.

Becker, Howard S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1997.

Cohen, Albert. Delinquent boys: the culture of gang. New York: Free Press, 1955.

Diógenes, Glória. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 2008.

Emerson, Robert M, Rachel I. Fretz E Linda L. Shaw. Writing ethnographic fieldnotes. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

Jankowski, Martin Sanchez. Islands in the street. California: University of California Press, 1991.

Goffman, Erving. As representações do eu na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

Klein, Malcolm E Maxson Cheryl L. Street gang patterns and policies. New York: Oxford University Press, 2006.

Moore, J. Understanding Youth Gangs. In: Watts, M. (org.). Cross-Cultural Perspectives on Youth and Violence. Connecticut: Jai Press Inc, 1998.

Sapori, Luís F.; Silva, Bráulio Figueiredo Alves. A relação entre o comércio do crack e a violência urbana na região metropolitana de Belo Horizonte. In Sapori, Luís F.; Medeiros, Regina (org.), Crack: um desafio social. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.

Sutherland, Edwin H. Differential Association. In Pontell, Henry M. Social Deviance: Reading in Theory and Research. New Jersey: Prentice Hall, 1993.

Thrasher, Frederic M. The gang: a study of 1.313 gangs in chicago. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.

Waiselfisz, Júlio Jacobo. Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

Weiss, Robert S. Learning from Strangers: The art and method of qualitative interview studies. New York: The Free Press, 1994.

Zaluar, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In VIANNA, Hermano (org.), Galeras Cariocas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

Zilli, Luís Felipe. Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

Zilli, Luís Felipe. O bonde tá formado: gangues, ambiente urbano e criminalidade violenta. Tese de Doutorado defendida junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.